

O PENSAMENTO AGOSTINIANO SOBRE A NATUREZA DO BEM, DO AMOR E AS ESSENCIALIDADES DA SUA PRÁTICA

Erica Santana Pinho e Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra Pinto

RESUMO: A relevância do pensamento Agostiniano na história ocidental é gigante pois, traz novas formas de ver e interpretar o mundo, ou de pensar na criação do mundo, dos seres e a finalidade de cada criatura, e é inovador porque foi elaborado a partir de sua vivência, suas experiências enquanto homem mundano, ou seja, um homem que até então não acreditava na existência de um Bem supremo que está acima de qualquer coisa e é criador de bens naturais. As dificuldades em entender a formação do mundo e o comportamento ético dos homens induziram, o filósofo à uma série de experiências dolorosas e prazerosas em sua trajetória como pensador pagão. Agostinho percorre o mundo exterior, e nessa busca incessante na exterioridade mundana não encontra nada, pois foi a partir do movimento de voltar-se para si mesmo, na interioridade que ele finalmente vislumbrou a verdade, a qual chamou de felicidade. Seu encontro com a beatitude foi um encontro com Deus, o criador da natureza ao qual todo ser humano, segundo ele, tende a voltar redimido. Pretendemos com esta pesquisa refazer os passos do filósofo, nesta trajetória em busca da verdade, visitando suas obras que trataram a respeito desta problemática, utilizando da metodologia interpretativa. Após sua conversão ao cristianismo, Agostinho traz consigo uma vivência filosófica dos anos em que frequentou escolas pagãs como o ceticismo e o maniqueísmo, que lhe fizeram pensar sobre uma série de questões, como por exemplo, o problema do mal. A problematização sobre qual seria o melhor caminho do bem e do mal para abordar o fato de que, seria Deus o criador do mal? ou seria o fato de o homem não ser perfeito e praticar maldades contra o próximo? A intenção desse projeto é, entre outras, compreender as formas de olhar e amar de cada indivíduo para com o seu próximo e para si mesmo; distinguindo o bem do mal, e também observar as experiências que Santo Agostinho enfrentou durante sua vida e de que forma a partir da reflexão produzida sobre as mesmas transformou-as em teses de natureza filosófico teológica, para concluir que é de suma importância ter compaixão, sabedoria, cultivar as virtudes e buscar a verdade.

Palavras-chave: Santo Agostinho, Bem, Mal

INTRODUÇÃO

A interpretação do pensamento filosófico de Santo Agostinho apresentada nesta pesquisa percorrerá prioritariamente dois corolários fundamentais de sua obra, o amor verdadeiro e a natureza do bem que se desdobram em outros temas como a caridade e o mal, os quais se configuram em uma unidade. A escolha do tema ressalta a importância do amor como desejo, e também como bem maior que é Deus, sublinhando as escolhas éticas do ser humano em sociedade, bem como a busca e o encontro de si mesmo, que resulta no encontro do Bem supremo.

Por outro lado, há também como contraponto, a busca obsessiva em adquirir bens materiais levando o homem a cometer pecados. Neste caso, o problema de pesquisa que se coloca é o de saber: *O que deve ser verdadeiramente o objeto de desejo humano? Por qual via o homem deve conduzir sua vida?* Santo Agostinho vivencia essas duas polaridades e descobre ao longo de sua trajetória existencial que os desejos servem apenas como dispositivos da paixão humana.

Em relação à experiência do desejo definido como amor e o seu desdobramento para alcançar a vida eterna há também a distinção entre a caridade e a cobiça, esta última leva o homem a cometer o pecado, pois se encontra no exterior, no vazio da existência e no gozo dos bens materiais que são efêmeros e passageiros. A escolha interna pela busca incessante que levará ao encontro de si mesmo, resulta na maior felicidade que é a vida eterna, pois o homem vive em constante conflito tentando entender qual o sentido da vida, e os seus desdobramentos futuros, tal como a existência possível de uma vida pós-morte.

Portanto, o amor é tomado aqui como o ponto de partida e chegada da reflexão agostiniana, pois, as necessidades do homem estão ligadas, inicialmente, ao desejo em adquirir objetos para amar, e esse desejo que, inicialmente é externo, encontra-se no mundo, segundo o pensador esse desejo não convém ao cristão, mas sim ao homem seduzido pelos bens materiais. Por isso, existem diferenças entre amar a Deus e amar os objetos mundanos, por exemplo, amar intensamente o próprio homem com interesse no prazer do sexo e viver em função de coisas mutáveis que não trazem a salvação, ao contrário do amor justo e verdadeiro que não espera nada em troca. Deus criou o mundo por um ato de bondade, por amar e desejar que toda sua criação agisse dessa forma, que prevalecesse sempre o bem e o amor. Considera-se a revisão dessa temática, fundamental ao entendimento da busca da verdade e da felicidade, as quais foram objeto

da pesquisa também. O texto foi dividido em três blocos, o primeiro compreende a exposição dos principais dados biográficos do filósofo com destaque para o momento da sua conversão ao cristianismo. Aborda também as principais influências das correntes de pensamento vigentes à época. O segundo bloco expõe as diferenças entre o amor verdadeiro e o amor falso fundamentado na moral cristã, a fim de analisar a prática da escolha entre o bem e o mal. No último bloco foi construída uma análise sobre o problema do mal e o uso do livre-arbítrio nas escolhas mundanas.

A metodologia da investigação foi de natureza bibliográfica, cujas técnicas aplicadas foram aquelas inerentes às especificidades de abordagem dos textos filosóficos, a saber: leituras analíticas-interpretativa, a partir do cotejamento das obras clássicas com os comentários dos especialistas. As obras agostinianas que ancoraram esse estudo foram “Confissões”; “A Natureza do Bem” e “O Livre Arbítrio”, nas versões traduzidas para a língua portuguesa.

BIOGRAFIA E AS “CONFISSÕES” DE SANTO AGOSTINHO.

Neste bloco, abordamos a biografia do filósofo Agostinho com o intuito de conhecer melhor o autor, sua trajetória filosófica, pessoal e cristã que construiu com sua experiência sofrida desde a juventude até a maior idade juntamente com sua conversão. Discorreremos também sobre as principais influências em suas teses como, por exemplo, sobre o mal, amor e também na sua conversão, em busca de respostas para suas questões existenciais, quando participou dos círculos maniqueístas, como também do movimento ceticista.

1.1 Santo Agostinho

Em 13 de novembro de 354 nasceu Aurelius Agostinho em Tagaste, na província romana da Numídia, na África, tendo como filiação materna Mônica, uma mulher demasiada religiosa e que desde cedo ensinou o caminho cristão para o filho, mesmo com pouco conhecimento; e filiação paterna, Patrício, o qual não era cristão e faleceu durante a juventude de Agostinho aos 20 anos, no entanto, antes de morrer se converteu para alegria do filho. Aurélio começou seus estudos em Tagaste e seu pai querendo o melhor caminho para o mesmo esforçou-se por melhorar os estudos do jovem,

recorrendo a um amigo rico chamado Romaniano que não hesitou em ajudar a enviar Agostinho para Cartago, no entanto, nessa temporada confiou na sorte e nos excessos de bens temporais.¹

Durante seus estudos não foi um bom aluno, pois muitas vezes deixava de ir às aulas, abominava a língua grega, cuja consequência mais grave foi a ausência de leituras dos clássicos helênicos que impediu também o acesso à cultura grega, mas, ao longo de seu caminho tentando corrigir esse vazio, buscou assentar as bases de toda sua formação cultural na língua e na leitura dos clássicos latinos, para mais tarde, após sua conversão aprofundar-se na exegese e na Teologia cristã. Com a morte de seu pai fica encarregado de cuidar de duas famílias e então volta para Tagaste e funda uma escola de Retórica, mas logo desiste e volta a Cartago em busca de uma vaga para lecionar esta disciplina na qual realizou sua formação. No meio cartaginês foi elogiado por um professor e filósofo, Favônio Eulógio² que reconheceu seu talento, porém, notando o desinteresse dos alunos pelas aulas, decidiu mudar-se para Roma, no entanto, não pôde se transferir, mas, continuou se dedicando à Filosofia.³

Acerca das obras dos filósofos gregos chegou a ler as “Categorias” de Aristóteles, em língua latina, pois como se sabe Agostinho detestava a língua grega essa lacuna impedira seus estudos em Atenas e na Alexandria. No meio de sua trajetória intelectual deixou-se conduzir pela doutrina dos maniqueus, que defendiam a existência de dois princípios do bem e do mal, ou seja, a luz e as trevas. A partir da leitura de um diálogo, chamado “*Hortênsius*” em 373 de autoria do filósofo e orador romano Marco Antônio Cícero⁴ (106-43 a. C.), trata-se de um elogio à Filosofia, esta obra despertou o interesse pela Filosofia, pois abrangia uma nova abertura de vida para Agostinho que o levava a sabedoria, este livro não o afastava das coisas eternas, conforme relata.

Ele mudou o alvo das minhas afeições e encaminhou para Vós, Senhor, as minhas preces, transformando as minhas aspirações e desejos. Imediatamente se tornaram vis, a meus olhos, as vãs esperanças. Já ambicionava, com incrível ardor no coração, a sabedoria imortal (SANTO AGOSTINHO, 1980, p. 70).

¹ PESSANHA, J. Américo, 1980, p.07, In: SANTO AGOSTINHO, Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1980.

² Favônio Eulógio foi um retórico romano do final do século IV, foi discípulo de Santo Agostinho entre 375 e 383, trabalhou em Cartago, seus escritos o colocam entre os estudiosos neoptagorianos e neoplatônicos.

³ PESSANHA, 1980, p. 08.

⁴ Marco Túlio Cícero (106-43 a.C) nasceu em Arpinum sudeste de Roma, foi um romano estadista, orador, advogado e filósofo, que serviu como cônsul no ano 63 a.C, tendo uma família rica da ordem equestre romana e é considerado um dos maiores oradores estilistas da prosa romana. Sua influência na língua latina foi imensa, ele apresentou os romanos às principais escolas de filosofia grega e criou um vocabulário latino.

Este livro incentivou sua busca pela sabedoria, ou seja, Agostinho se dedicou à vida filosófica e se aprofundou naquilo que ele bebera com leite materno, a ponto de tornar ainda mais enfadonha e desinteressante a leitura da Bíblia esta que tanto sua mãe insistira para ler, a negação das Sagradas Escrituras se deu pelo difícil entendimento do conteúdo enciclopédico da mesma e por Agostinho ainda não possuir a chave de leitura para a compreensão da mesma (PESSANHA, 1980.)

A leitura do “Hortêncio”⁵ foi importante para a trajetória intelectual de Agostinho, *cujo acesso a essa bagagem filosófica, aguçou ainda mais suas dúvidas sobre o sentido da vida.* A Bíblia Sagrada, segundo ele, não era digna de um homem culto, pois antes de se dedicar aos seus estudos, sua vida era mundana e todas as suas ações eram comuns, até o ponto de roubar frutas do vizinho, cujas motivações não eram feitas pela falta de alimentação mas por querer e pelo prazer de fazer algo proibido, de satisfazer suas vontades de homem mundano, como também o afeiçoamento pelo teatro que motivaram a busca pela causa da insensibilidade da dor do outro e chegando a cultivar um casamento proibido no qual foi totalmente fiel, e gerou um rebento chamado Adeodato, que faleceu durante a adolescência.⁶

1.2. Conversão: encontro com Deus e respostas para sua crise existencial.

Logo após a viagem para Milão aos 32 anos de idade encontrava-se angustiado e deprimido nos jardins de sua casa, essa angústia era porque não encontrava sentido na sua existência e buscava respostas para todas as suas questões, no meio dessa crise interior no jardim ouviu uma voz “Eis que de súbito, ouço uma voz vinda da casa próxima. Não sei se era de menino, se de menina. Cantava e repetia frequentes vezes: “Toma e lê. Toma e lê”⁷. Ao ouvir aquela voz levantou-se e foi até o lugar de onde vinha o som, lá chegando encontrou a Bíblia, se dirigiu até ela e ao abrir por acaso, deu na passagem onde dizia “*Não caminheis em glotonarias e embriaguez não nos prazeres*

⁵ É um diálogo perdido escrito por Marcos Tulio Cícero no ano 45 a. C – o diálogo recebeu esse nome por conta de um amigo rival, o orador Quintus Hortesius Hortalus. Assumiu a forma de um protéptico, neste diálogo ocorre um debate do melhor uso do tempo de lazer, e na conclusão Cícero argumenta que a busca da filosofia é o melhor empreendimento e mais importante.

⁶ SANTO AGOSTINHO, 1980, p. 09.

⁷ Idem, p. 182 - 183.

impuros do leito e em leviandades, não em contendas e emulações, mas revesti-vos de nosso senhor Jesus Cristo, e não cuideis da carne com demasiados desejos”⁸

A leitura da admoestação paulina comoveu Agostinho a ponto de não avançar na leitura, pois a mesma o convencera, na fragilidade sofrida, teve a certeza de que Deus é capaz de preencher o vazio no qual se encontrava. O sofrimento o encaminhou ao conhecedor de todas as coisas, então o passado que obscuro se tornou de uma clareza imensa, pois não havia mais dúvidas dominando o seu coração, após o acontecimento, ele procurou sua mãe e contou o ocorrido no jardim e como era de se esperar Monica alegrou-se e agradeceu a Deus por ter tocado em seu filho. Com a conversão ele renunciou todo o seu passado, ao desejo de adquirir riquezas, prazeres, e honras, dedicando-se somente à contemplação da verdade.

A escolha do amor verdadeiro partiu da inquietação interior de Agostinho, do sofrimento de um homem que apesar das perdas inclinou-se em busca da sabedoria questionando os motivos da infelicidade, da existência do mal, da desordem do universo, recorrendo às doutrinas equivocadas como o maniqueísmo, o ceticismo e os considerados sábios que não entendiam o verdadeiro significado da existência. Tendo essas questões em vista para resolver, todo o seu processo de angústia culminou na sua conversão ao cristianismo,

Sua incessante inquirição pelo encontro com Deus revela um homem constantemente inquieto, pois estava em busca da verdade e surgiam os questionamentos, onde reside Deus? Quem é Deus? Contudo, ele sabe que ama a Deus e que por ele é amado e por isso contempla a Criação e quer encontrar resposta. Nessa busca, não separou a teoria da prática, pois, toda essa interpretação filosófica é resumida na sua própria experiência e nesta encontrara Deus por meio da razão e do amor; e nisso Agostinho percebe que o fato de Deus conhecer a sua criatura, deve residir no interior do homem, ou seja, na alma e que por isso se encontrara distante de Deus. Esse encontro sucederá vencendo as indiferenças sentidas em relação à sua inferioridade perante Deus, ele se sente pequeno interiormente porque “Deus está acima de sua alma”.⁹

Agostinho sabe que somente sua alma pode conduzi-lo intimamente até seu Criador, pois nesta reside a inquietude da busca de quem sabe e ama o que procura

⁸ Ibidem, p. 182 – 183.

⁹ Idem, ibidem, p. 182-183.

mesmo sem saber como chegar a esse encontro. Segundo Gilson (2012, p.122), “*Por isso o problema vital de Agostinho não se exprime na pergunta: que devo procurar? e sim nesta outra: de que modo devo buscá-lo a fim de encontrar repouso na sua posse definitiva?*” O esforço que Agostinho empregou possibilitou uma reflexão de sua vida para esse encontro com Deus, pois mesmo sendo pecador recebeu auxílio e luz na sua vida. E que só percebe quando se volta para seu interior porque Deus reside no interior (alma), ou seja, o encontro acontece quando o filósofo reflete acerca da sua interioridade.

Agostinho levava agora uma nova vida de humildade, sem excesso de materialidade e sem orgulho na sua trajetória, nesse movimento de recolhimento da vida social, ocupa a propriedade de um amigo, Verecundo, em Cassiciaco com a mãe, o filho e os dois amigos e logo em seguida recebeu o batismo no ano de 387 juntamente com seu filho e seu amigo Alípio, após o acontecimento, ocorre o falecimento de sua mãe em Óstia, causando-lhe profunda depressão, o que o leva ao retorno para terras africanas em Tagaste. Contudo, seu luto foi interrompido com o chamado para assumir a igreja de Hipona em função do seu talento retórico.

No entanto, nem tudo ocorreu como queria e os cuidados que Agostinho tomou para não ir à cidade alguma, cuja sede vacante pudesse ser-lhe proposta, surtiram efeito por apenas três anos. Num dia de 391, penetrando na igreja de Hipona (hoje, Annaba ou Boné, na Argélia), ouviu o bispo Valério propor à assembleia de fieis a escolha de um coadjutor das funções sacerdotais, especialmente para o ministério da pregação, o povo não teve dúvidas e uma só voz ecoou pelo templo: “Agostinho, presbítero! (SANTO AGOSTINHO, 1980, p. 182-183).

Sua vida como cristão estava apenas começando, ao participar na igreja de Hipona o Bispo Valério estava à procura de um coadjutor, e todos que estavam presentes escolheram Agostinho para ser presbítero aos 41 anos, e isso implicou em assumir várias funções sacerdotais como, vigário, foi sucessor do Bispo Valério, exerceu funções administrativas, administrou a instrução catequética, a direção espiritual, defendia os pobres e oprimidos em favor de asilo, cuidava dos patrimônios da igreja e exercia funções seculares de juiz e pregador, o que contribuiu para sua carreira, pois teve contato com a fé popular, intelectual escrevendo os sermões, contudo, com tantas funções que impediram de aperfeiçoar suas obras como as “Confissões”, onde se

revela uma análise psicológica, e a “Trindade”, fruto de uma cobrança interior e natural.¹⁰

Chegando à velhice Agostinho abandonou algumas funções para se dedicar à escrita, em 414 deixou as atividades exteriores para ir até a igreja em Cartago, em 426 aos 72 anos passou a ter os cinco dias livres por semana, passando a totalidade das atividades para o presbítero Heráclito. E assim, pôde classificar suas obras para a posteridade.¹¹ O Bispo de Hipona faleceu no dia 28 de agosto de 430, durante a invasão dos vândalos, encontrando-se doente deixou assim a cidade dos homens para ir ao encontro da cidade de Deus que tanto buscou durante toda sua vida, mas deixou o acesso a uma obra onde dispõe de uma nova fé em conformidade com a filosofia, ou seja, a possibilidade de ir ao encontro da fé por meio da razão.¹²

A seguir, listam-se as principais obras e edições escritas por Santo Agostinho, as quais transformaram sua vida pecaminosa, em vivência com Deus, sob o ponto de vista filosófico:

1. *As Confissões*, em treze livros, escrita em 399;
2. *Retratações*, em dois livros, redigida entre 426 e 427;
3. *Contra Acadêmicos*, em três livros, escrita no ano 386, esta obra foi escrita no intuito de refutar o ceticismo;
4. *Da Vida Feliz*, escrita nas vésperas do aniversário de Agostinho, em doze de novembro;
5. *Da Ordem*, em dois livros, essa obra foi redigida enquanto Agostinho trabalhava “Contra Acadêmicos” no ano 386;
6. *Solilóquios*, escrita em dois livros, no ano 386, onde é abordado o problema do conhecimento, das qualidades do sábio e da verdade;
7. *Da Imortalidade da Alma*, sendo uma continuação dos solilóquios, esta obra foi redigida em Milão;
8. *Da Potencialidade da Alma*, escrito em Roma, no ano 388;
9. *Da Trindade*, em quinze livros, escrita entre 399 a 419;
10. *Cidade de Deus*, em vinte e dois livros, redigida entre os anos 413- 426;
11. *Do Mestre*, escrito em 389;
12. *Da Verdadeira Religião*, escrito entre 389 a 390;

¹⁰ SANTO AGOSTINHO, 1980, p. 182-183.

¹¹ PESSANHA, 1980, p.13.

¹² Idem, ibidem, p. 14.

13. *Do Livre Arbítrio*, em três livros, entre os anos 388 a 395;¹³

1.3. O Problema do mal: influências

Agostinho foi levado a aproximar-se da corrente filosófica dos maniqueístas por sua inquietação com o princípio do mal, com o ensinamento desde criança de que o criador de todas as coisas tem natureza boa, entretanto, o mal é uma força constante no mundo, quanto a esse paradoxo o pensador se questionava, como é possível existir o mal se tudo que existe fora criado por uma natureza boa, caridosa? Para explicar esse paradoxo, faremos uma descrição sucinta sobre quem são os maniqueístas, quais foram as filosofias utilizadas por eles e se esse é o caminho verdadeiro. Esta seita foi conduzida por Mani, filho de Persas nascido na Babilônia (216 - 272), considerava-se o mensageiro do Deus da verdade e por isso ficaram conhecidos como a seita maniqueísta, contudo, este foi condenado à morte por fazer pregação anticristã, e como dito, a seita era anticristã e pagã e se diziam esclarecedores da verdade, negavam os dogmas católicos.

Suas concepções acerca de Deus, o viam como um ser corpóreo que vivia em lugar harmonioso, havia uma narrativa que explicava onde viviam, os dois princípios antagônicos, o Bem e o Mal, no meio de luz e da escuridão, ou seja, Deus e Satanás príncipe das trevas e senhor do reino material. Segundo a narrativa de Mani, eles adquiriram poderes, após Satanás descobrir o Reino de Deus que por inveja foi invadido, mas este é superior contendo os cinco poderes de inteligência, sabedoria, discricção, doçura e sentimento e a inferioridade do reino das trevas o barro, ventos de tempestades, fogo de corrupção, trevas e fumaça escura e, ao longo de sua trajetória percebe o erro e nomeia de fábulas ridículas as concepções dos maniqueístas que não possuem sentido e são desprovidas de verdades, logo, ele não é o dono da verdade, contudo Santo Agostinho aderiu a essa doutrina durante nove anos, tempo no qual lhe foi tirada sua paz interior. Durante esse período de nove anos, desde os dezenove até aos vinte e oito anos, cercado de muitas paixões, era seduzido e seduzia, era enganado e enganara: as claras, com as ciências a que chamam liberais, e as ocultas, sob o falso nome de religião¹⁴.

¹³ GILSON, 2012, p. 140.

¹⁴ SANTO AGOSTINHO. 1980, p. 81.

Sua participação nessa seita foi narrada na obra “As Confissões”, nela Agostinho conta que foi o erro mais grave cometido em busca da verdade, não admitia que a origem do mal fosse Deus, que não existiam duas almas e que, portanto, não existia natureza má, diante disso aceita Deus como Bem Supremo e a partir disso, estabelece as provas na obra redigida contra os maniqueístas que tem como título “A Natureza do Bem” que será esplanada durante o percurso desse escrito.

Assim, duvidando de tudo, à maneira dos Acadêmicos, como os julga a opinião mais seguida, e flutuando entre todas as doutrinas, determinei a abandonar os maniqueístas, parecendo-me que não devia, nesta crise de dúvida, permanecer naquela seita à qual já antepunha alguns filósofos. Porém, recusava-me terminantemente a confiar a cura da enfermidade de minha alma a esses filósofos que desconheciam o nome salutar de Cristo (SANTO AGOSTINHO. 1980 p. 81).

Quando o filósofo percebe o erro, se afasta, e conclui que este não era o caminho para encontrar a verdade. E segue para outra corrente filosófica que foi o Ceticismo, conseqüentemente, o seu desenvolvimento intelectual e de sua doutrina que iria desenvolver posteriormente, resultaram de sua própria experiência filosófica que para ele também não trouxe respostas verdadeiras, mas, contribuiu para sua trajetória intelectual. Com a desilusão do então considerado sábio dentre o maniqueísta chamado Fausto de Milevo¹⁵, cujo, aquele Agostinho dizia ter mais conhecimento, O pensador continuava a procura pela verdade, então recorre como era de se esperar, aquela que mais se identificava com sua alma, o ceticismo, pois ainda não possuía entendimento da doutrina da igreja.

Conheci outra espécie de pessoas que tinham a verdade como suspeita e não se lhes queriam render, se lhes fosse proposta em estilo copioso e elegante. Vós, porém, meu Deus, já me tínheis ensinado de modo admiráveis e ocultos! Creio o que Vós me ensinastes, porque é verdade, e só vós sois o mestre da verdade em qualquer parte e qualquer lugar que ela brilhe (SANTO AGOSTINHO, 1980, p. 106).

Sua passagem por essa corrente filosófica foi breve e se deu por influência de Cícero, onde cita por várias vezes na obra “Contra os acadêmicos”, esta escreveu para refutar o ceticismo em Cassiacicum, onde se encontrava em um retiro com os amigos. Após ir para Milão lecionar retórica, chegou a participar assumindo uma atitude cética,

¹⁵ Fausto era filho de um homem pobre de Milevo, e representou a ala do maniqueísmo que defendia um Cristianismo reformado.

e o entrave que incomodava Agostinho era, segundo Gilson “como é possível alcançar uma verdade certa e incontestável em relação as coisas invisíveis?”. No entanto, Agostinho não nega a certeza dos números, mas queria uma igual certeza em relação as coisas invisíveis. Mas, também foi uma decepção para ele e logo percebeu que ali não encontraria a verdade e que eles não eram capazes de responder suas questões filosóficas e intelectuais, pois estes afirmavam de que de tudo se deve duvidar, embora aqueles céticos levantassem as questões que sempre o incomodaram, “o que teria então motivado o ex- maniqueísta conformar-se e a aceitar a doutrina dos acadêmicos?”¹⁶

No entanto, Agostinho se utiliza da própria dúvida para se chegar à verdade, utiliza a próprio cogito para refutar os céticos, o que ele faz é inovar esse método da dúvida, ou seja, não se preocupar com os meios, mas com os fins que ela proporciona, e assim tornar-se uma dialética de investigação filosófica, ou seja, para ele encontrar respostas as suas crises existenciais é necessário ocorrer a dúvida, o que segundo os céticos diziam que nunca se chegara a uma plena verdade duvidando.

Enfim, o pensador inaugura uma nova visão em relação ao ceticismo a partir dos próprios céticos, apesar dessa inquietação de espírito Agostinho nunca duvidara da existência de Deus, por isso irá refutar o ceticismo se utilizando do próprio método desse sistema, provando a existência do eu, pois para ele é por meio da filosofia que se encaminha a uma conversão da exterioridade para a interioridade, isto quer dizer, que o filosofar é o ato contemplativo de Deus¹⁷ deixando-se guiar pela voz interior e a convidar a si próprio para pensar em Deus, desejando buscá-lo e desejá-lo, pois este é a mais pura verdade, este é o fundamento da verdade.

Agostinho abandona o Ceticismo e visita outra doutrina filosófica, o Neoplatonismo onde teve acesso por intermédio de Plotino, esse fato contribuiu para sua formação espiritual, embora não tanto, para ele se tranquilizar, pois mais tarde procura Santo Ambrósio que será explicado, mas adiante. O encontro com o Neoplatonismo foi a primeira entrada para uma vivência mística com o encontro do cristianismo, conforme

A influência da inspiração neoplatônica e cristã na orientação existencialista do pensamento agostiniano merece uma referência à parte. O neoplatonismo, com a sua forte incidência na problemática do homem perdido na dispersão intramundana do mundo sensível, com o seu misticismo e o seu caráter soteriológico, proporcionou ao inquieto Agostinho, além do mais, a sua aproximação do cristianismo e nele o vislumbramento daquela sabedoria que

¹⁶ PEREIRA JÚNIOR, A.; COSTA, M. Crítica Agostiniana ao Ceticismo Acadêmico. In: Civitas Agostiniana. Revista Internacional de Estudos Agostinianos. Porto, 2016. p. 71.

¹⁷ COUTINHO, Jorge. Didaskalia: Revista da Faculdade de Teologia de Lisboa, 1989, p. 100.

vinha a responder cabalmente à sua problemática existencial, e à sua ânsia de paz e de salvação (COUTINHO, 1989, p.98).

Notou nos livros platônicos um alto desenvolvimento de espiritualidade que proporcionou respostas a algumas questões que ele procurava, ao ter contato com essa doutrina percebeu que seria proveitoso se conectar à mesma e, logo, aderira os pensamentos neoplatônicos. Agostinho encontrou as respostas em relação a Deus, ao conhecer as coisas incorporais, invisíveis, espirituais, ou seja, necessita se aparta dos sentidos e imagens para conhecer a Deus, este que é a verdade e causa de todas as coisas, isto é, que devesse sair do mundo exterior e ir para o mundo interior, pois é assim que Deus mostrar-se.

Em Milão, aproxima-se de Santo Ambrósio¹⁸, sendo mais um contato de suma importância para sua formação espiritual, porque conheceu a noção de espírito, mas o materialismo ainda estava impregnado no seu interior e ainda era um impedimento para tornar clara sua convicção de espiritualidade, entretanto, a leitura dos sermões de Santo Ambrósio foi fundamental para esclarecer as Sagradas Escrituras, tornando-se assim uma chave de leitura.

Essa complementariedade fez Agostinho reconhecer a possibilidade de seguir com a fé, a partir disso percebeu o erro quando primeiro quis submeter-se à ciência e por isso, aderiu ao erro dos maniqueus, os quais eram inimigos da igreja, quando o filósofo percebeu a importância das verdades cristãs quis investigar para tomar conhecimento. Antes de adentrar ao problema central dessa pesquisa, iremos a priori, dar ênfase a sua vida pessoal, a qual está intimamente ligada à sua trajetória intelectual, considerando o antes e após, inerentes a conversão de Agostinho, ressaltando acerca de como era a sua conduta moral dentro de uma perspectiva pessoal.

1.4. A moralidade Agostiniana: trajetória pessoal

O comportamento de Agostinho era comum a tudo e a todos perante a fase de adolescência, esta é comum a partir da felicidade, em diversão com os amigos e usufruir das coisas mundanas. E não seguindo nos estudos seriamente e como todo adolescente discorria que tudo tinha razão, e que seus pais nada entendiam, ou seja, a rebeldia

¹⁸ Nascido em Tréveros no ano de 340, era ainda catecúmeno quando subiu a sede episcopal de Milão. Dedicou-se ao estudo das sagradas escrituras com tanto empenho que logo dominou, mas foram suas qualidades pessoais que impuseram o bispo de Milão a devota atenção de todos. A atividade diária de Ambrósio era dirigida antes de tudo a orientação da comunidade e cumpria tarefas pastorais. Agostinho que foi um assíduo ouvinte e refere-se como grandes prestígios por causa de sua eloquência de bispo de Milão e a eficácia de sua tonalidade de voz.

dominava seu ser para contrariar seus pais e mestres, porque não gostava de frequentar a escola por preguiça e que para ele não era prazeroso, e ignorava essa parte, como ele mesmo diz nas confissões *“Fui mandado à escola para aprender as primeiras letras, cuja utilidade eu, infeliz, ignorava. Todavia batiam-me se no estudo me deixava levar pela preguiça.”*¹⁹

Agostinho demonstrava um comportamento doloroso durante sua juventude, sua conduta moral não correspondia ao que lhe foi ensinado, sua visão em relação ao mundo e as pessoas ao seu redor não importava, porque o seu pensar e agir cobijavam e não aceitavam tanto sofrimento, e levava uma vida na concupiscência. Como não era disposto a ir às aulas, era acoitado por desinteresse no curso, e as pessoas riam daquele sofrimento, segundo Agostinho, *“(…) as pessoas mais velhas e até os meus próprios pais, que, afinal, me não desejavam mal, riam-se dos açoites – o meu maior medo e mais penoso suplicio.”*²⁰

Como se sabe a trajetória intelectual do pensador caminha juntamente com sua trajetória pessoal, analisando sua vida antes da conversão é possível notar que a moralidade é inexistente na sua carreira pessoal, pois não achava justo que fosse impedido de fazer o que desejava, ultrapassando os limites para se gloriar em presença dos amigos, por isso não se comportava nas aulas, ao invés de ir as aulas, preferia ir ao encontro dos amigos para se divertir, e isso valia mais do que estudar, pois antes de chegar à fase da inquietação para chegada da conversão ele procurava os meios mundanos para se divertir, seu pensamento era desejar as riquezas, as honrarias, participar de festas, e tudo queria usufruir das coisas luxuosas em excessos, como ele confessa na sua mais importante obra, *“Digo e confesso, diante de Vós, meu Deus, estas fraquezas que me angariavam aplausos daqueles cuja simpatia equivalia para mim a viver cheio de honra.”*²¹

As coisas simples eram vulgares e não mereciam ser usufruídas. O que mais valia era estar entre os amigos e ser reconhecido como uma pessoa má, ou seja, uma pessoa egoísta e esquecer a sua conduta moral, que segundo ele as pessoas riam, e que para ser temido devia fazer coisas más para ser respeitado. E nisso acatava as ordens de seus pais quando diziam que o melhor era estudar para se tornar uma pessoa respeitada.

¹⁹ SANTO AGOSTINHO, 1980, p. 43.

²⁰ Idem, ibidem, p. 43.

Eu pecava Senhor, desobedecendo às ordens de meus pais e mestres, pois podia no futuro fazer bom uso desses conhecimentos que me obrigavam a adquirir, qualquer que fosse a intenção com que nos impunham. Além disso, eu não desobedecia para fazer melhor escolha, mas só pelo amor do jogo (SANTO AGOSTINHO, 1980, p. 43).

Suas escolhas antes da conversão giravam sempre em torno das coisas as quais mais tarde reconheceu como bens temporais e prazeres mundanos que impedem a aproximação de Deus. A desobediência com seus pais e mestres o levou a cometer um erro onde sua conduta ética fugiu completamente, um roubo na casa do vizinho, que por amor ao proibido e pelo prazer daquilo que aparentemente agradava.

O mal-uso de sua liberdade impôs o que mais tarde irá chamar pecado, esse mau uso acarretou para Agostinho em furto e enganar os seus pais e mestres pelo o amor ao jogo com seus amigos, pois ele não aceitava derrotas durante o jogo e além de roubar, forjavam suas vitórias para se sentir superior a seus colegas, sendo muitas vezes cruel quando era descoberto, preferia omitir a falar a verdade, o que mais tarde será ao contrário como está nas confissões.

Cometia furtos na despensa e na mesa de meus pais, ou impelido pela gula ou para ter que dar aos rapazes, retribuindo-me estes com o jogo, com o qual igualmente se deleitavam à minha custa, porque mo vendiam. Vencido pelo louco desejo de Superioridade, obtinha também muitas vezes nesse jogo as vitórias com fraude. No entanto, se surpreendia alguém, não queria tolerar, e até atrozmente o repreendia, quando era isto mesmo o que eu fazia aos outros! Caso fosse eu o surpreendido e o acusado, preferia antes ser cruel do que ceder (SANTO AGOSTINHO, 1980, p. 43).

Esse mau uso de suas escolhas fizera Agostinho perder a noção de seu comportamento no meio da sociedade em que vivia. Tinha perdido a sua ética no meio desse querer alcançar a superioridade em relação as outras pessoas, deixando-se guiar pela inveja e a cobiça que rodeiam o mundo e gerando ações que desfiguram um ser convertido, totalmente oposto, que estava em busca da verdade.

Após a conversão é possível notar um homem totalmente adverso, o seu pensar e agir diferentes e que agora se importa demasiadamente com o próximo, buscava acima de tudo a verdade, desviando dos caminhos das mentiras e omissões, preocupado em estabelecer a paz interior e agora busca as coisas simples e delas usufruir, sem grau de superioridade e o mais importante, reconhecimento de sua pequenez no mundo. Convertido, sua conduta moral pessoal evidencia no amor, fé, caridade, esperança e em uma vida após a morte, formas distintas de agir e enxergar o mundo, as pessoas. Correspondendo aos valores que sua mãe lhe ensinou, acercar-se de grau de

superioridade o qual resume ao seu criador, Deus, pois para ele, é a única verdade. Contestando, ele buscava os prazeres nas coisas mundanas e esquecia as partes espirituais, como ele confessa:

Quero recordar as minhas torpezas passadas e as depravações carnis da minha alma, não porque as ame, mas para Vos amar, ó meu Deus. É por amor do vosso amor que, amargamente, chamo à memória os caminhos viciosos, para que me dulcifiqueis, ó doçura que não engana, doçura feliz e firme. Concentro-me, livre da dispersão, em que me dissipai e me reduzi ao nada, afastando-me de vossa unidade para inúmeras bagatelas. Quantas vezes, na adolescência, ardi em desejos de me satisfazer em prazeres infernais, ousando até entregar-me a vários e tenebrosos amores! A minha beleza definiu-se e apodreci a vossos olhos, por buscar a complacência própria e desejar ser agradável aos olhos dos homens (SANTO AGOSTINHO, 1980, p. 62).

Quando conhece esta chave para adentrar no mundo espiritual deposita toda a sua vida na fé, esperança e caridade, sendo o criador o senhor que sabe de todas as coisas, e possui poder superior, digno de louvor e honra o único a ser temido, provido da verdade, sendo estar a mais brilhante de todas. Seu arrependimento de atos errados perante as leis divinas e dos homens acarretou no suplício do perdão e justificou seus atos como cumplicidades, pois segundo Agostinho sozinho não se rir facilmente²². Portanto, as ações são movidas pelo impulso de certas amizades, que contribuem para caminhos desviados do bem, mas certamente deve contar com a vontade e o desejo de seguir, contrapondo quem está ao lado. Porém, ele ressalta que sem o conhecimento do bem, o homem tende a ficar envergonhado e se negar entre um grupo de amigos.

Para tanto, Agostinho percorre outro caminho para contemplação de sua natureza, deixando-se conduzir por valores ensinados pela mãe, esta que temia a perdição de seu filho por contrariar na adolescência as palavras de Deus, mas após a conversão sua ética distingue-se pela formulação de uma elucidação de como pode existir o mal se tudo vem de Deus que é bom, esboçando uma ética harmonizada com os preceitos morais cristãos baseados na fé, esperança e amor, reconhecendo que o homem bom é aquele que ama e sabe o que deve amar, harmonizando sua convivência com o próximo.

Portanto, a ética agostiniana ressalta a importância do relacionamento com a vontade de Deus uma ação moralmente considerada quando estiver de acordo com a lei divina, que estabelece ordem no universo para comandar no amor, todas as criaturas.

Agostinho descobre que uma ação perfeita é percorrida no encontro com Deus, afirma nas confissões:

É pela piedade humilde que se vai até Vós, para purificardes os nossos maus hábitos. Por causa dela, mostrais-Vos indulgente para com os pecados daqueles que os confessam e ouvis os gemidos dos cativos carregados de ferros. Desse modo, soltais-nos dos grilhões por nós mesmos preparados, contanto que jamais ergamos contra Vós "os chifres duma falsa liberdade", cobiçosos de possuir mais haveres, com risco de tudo perdermos prejudicialmente, se amarmos mais o nosso egoísmo do que a Vós, soberano Bem (SANTO AGOSTINHO, 1980, p.77).

Quando o pensador submete os bens mutáveis aos bens imutáveis ocorre o distanciamento do bem supremo, deixando-se levar pelo egoísmo, pela honra e luxúria, adotando uma falsa liberdade para encontrar uma falsa felicidade, porém, para alcançar uma vida moralmente perfeita é necessário ir ao encontro de Deus, pois este é a fonte da felicidade e este é o objetivo de moralidade. Este foi o objetivo de Agostinho quando se converteu e seguiu os costumes da igreja para inaugurar uma nova teoria teológica.

O reconhecimento do bem superior leva a autonomia para amar a si próprio e o próximo, tendo em vista a ética guiada no amor a Deus, e os hábitos cristãos ressaltando um comportamento fraternalmente correto, pois como sucede que o superior domina o inferior, assim também Deus domina as criaturas, é por esta razão que conduziu sua vida, pois Agostinho amava Deus sem mesmo ele conhecer essa chave, para ele o homem se revela por aquilo que ama.

Vale ressaltar, que a moralidade do filósofo é aquela que ajuda a conviver na ordem do amor, pois esta é a finalidade de toda a criação, justificando a felicidade que resulta na união ao seu criador e a infelicidade de agir imoral segue-se do pecado do distanciamento do dever cristão, resultando na imperfeição de ato, ou seja, ocorre a imitação perversa da natureza do bem, contrariando os costumes religiosos. É notório que, após o conhecimento da espiritualidade, ou seja, sua conversão sobrevém a Agostinho novos hábitos e costumes, pois se tornara bispo e um grande influenciador no Ocidente, cai sobre ele a responsabilidade de agir moralmente e na medida do possível sua participação nos concílios dos santos bispos, mas sua intenção já não era por interesse próprio, oposto a isso buscava os interesses de Deus para auxiliar aqueles que participavam daquele encontro a fim de que permanecessem e seguissem os caminhos cristãos e os costumes da igreja, para assim também se tornarem clérigos e bispos.

É possível perceber nas Confissões que o bispo convencido de um passado que acarretava lembranças de mau uso de sua liberdade, demonstrava arrependimento e o

quanto buscava o perdão divino, este que é recebido pela bondade divina, é incomensurável sua busca por amar e desejar Deus, pois ele amava amar a Deus. Por isso, buscou uma nova forma de ver e usar o mundo, agora prevalecendo da simplicidade, segundo consta na obra do amigo Possídio:²³

Suas vestes, calçados e lençóis eram simples, mas adequados; nem ótimos, nem péssimos. De fato, nisto costumam os homens em geral envaidecer-se ou humilhar-se, em ambos os casos não procurando os interesses de Jesus Cristo, mas os próprios (Cf. Fl 2,21; 1 cor 13,5). Ele, porém, como disse, mantinham-se no meio, sem declinar à direita ou à esquerda (cf. Nm 20,17; Dt 2,27; Pr 4,27 etc.) 2. Sua mesa era frugal e parca; constava de verduras e legumes, e algumas vezes também carne, por causa dos hospedes ou dos mais fracos. Sempre havia vinho, porque sabia e ensinava, conforme a palavra do Apostolo, que tudo o que Deus criou é bom, e nada é desprezível, se tomado com ação de graças, porque é santificado pela palavra de Deus e pela oração (1Tm 4,4; cf. conf. x 32,46; contra Faust. XIV, etc.). (POSSÍDIO, 1997, p. 63 – 64).

Visto como um homem simples, mais consciente do que devia comer e beber, vestir e calçar, analisando seus atos, é perceptível que a conversão ocasionou a Agostinho o amadurecimento, e fundou assim a ética cristã, que é regida pela lei do amor a Deus e ao próximo, sendo esta a ordem divina, pois o homem é criado a imagem e semelhança de Deus. Portanto, esta é a forma definitiva preparada na sua conversão, acarretando no bom uso de sua razão para realização de homem virtuoso e consagrado santo.

DIFERENÇAS ENTRE O AMOR VERDADEIRO E O AMOR FALSO FUNDAMENTADO NA CONDUTA ÉTICA CRISTÃ PARA ANÁLISE DA PRÁTICA DO BEM E DO MAL.

Este bloco tratou do apego aos objetos materiais e que apesar de referir-se ao período tardo-antigo, ainda está muito presente na contemporaneidade, cujo assunto é bastante debatido em rodas de conversas tanto no meio da religião como fora dela, pois é um assunto que afeta a sociedade modernizada, que luta para conseguir as coisas modernas para satisfazer sua vaidade e luxúria. Em seguida abordo as diferenças entre o amor às coisas terrestres e o amor caridoso, e destaco a importância e o mais valioso segundo santo Agostinho, como seguir e buscar o verdadeiro amor a serviço de Deus,

²³ São Possídio foi o primeiro biógrafo de Santo Agostinho, nomeado bispo de Calama por volta de 397, participou juntamente com Agostinho nos concílios na África. A morte de Possídio ocorreu 437.

pois sem esse amor o homem apesar de alcançar seu objeto desejado possui o medo de perdê-lo trazendo o medo da morte como perda total do bem material.

2.1 Conceitos: caridade e amor mundano

Para começar, vale ressaltar que os conceitos de amor como desejo e caridade, o primeiro é a apreciação pelos bens terrenos, que equivale a dizer o gosto pelos bens materiais que resulta na falsa felicidade, o homem anseia pelas coisas criadas e contempla como fim último, quando na verdade deve desejar os bens eternos e apreciar o verdadeiro amor, desprezando assim o amor tenebroso dos desejos mundanos. O segundo é o amor ao próximo e amor de Deus, é a paz interior e a essência da vida humana, pois o amor é a centralidade na moralidade agostiniana sendo a base de um cristão para partilhar o bem, o amor é a chave para construção de uma sociedade de paz, igualdade e bem.

A caridade é a realização da vida cristã todos os mandamentos divinos a ela fazem referência. Agostinho usa os termos amor e caridade como sinônimos, o amor é a força da alma e vida, é ele que a determina no sentido bom ou ruim, segundo o objeto que se ama. É movimento, uma inclinação, uma tendência que nos impulsiona a sair de nós mesmo, do nosso mundo em direção ao amado. Daí a importância do amor a Deus, a nós e ao próximo, são esses os “objetos” que devem ser amados, o amor está no centro da vida cristã e a identifica. Assim como a fé e a esperança, o amor é dom de Deus, que dota a vontade humana de uma aspiração divina, nosso amor deve ser inspirado pelo amor divino e refletido em nossos atos concretos (DETONI, 2010, p. 113).

Visto que o amor é desejo, é certo que existem dois grupos de objetos a serem amados pelo homem, as coisas criadas ou o criador, ou seja, Deus como fim, isto equivale aos níveis de desigualdades entre o amor aos homens e o amor a Deus. Todo o desejo vai ter relação com alguma coisa, pois não existe o desejo sem antes tê-lo conhecimento deste objeto, isto quer dizer, que é preciso amar primeiro para depois desejar e ter.

Todo o desejo tende a um fim e o fim que o homem sempre procura é a vida feliz, é esta que estimula o interesse por cada objeto e direciona ao encontro daquilo que cada um entende por bem, o desejo está ligado a diferentes visões do indivíduo, o ponto de partida que nasce o desejo é justamente o não ter, pois o não ter desarticula o ter posto que o amor impulsiona a vontade de ter e querer alcançar o estado pleno da felicidade. Alocando a importância nas coisas temporais e menosprezando os bens

eternos, o homem, enquanto conhecedor apenas dos bens temporais, não reconhece a importância desse amor superior às coisas temporais, mas sabe distinguir o que é bom e ruim, isto inclui a possibilidade da escolha fundamental.

Amar não é mais do que desejar (appetere) uma coisa por si mesma. E, indo um pouco mais longe: pois o amor é desejo (appetitus). Todo o desejo está ligado a qualquer coisa determinada que deseja. É este objeto do desejo, que antes de mais, fez nascer o desejo, estimulou-o, deu-lhe a sua direção. É determinado por aquilo que o determina, pelo que é predestinado ao seu fim. (ARENDETT, 1997, p. 17).

A característica do desejo é o de não ser possuído, isto quer dizer, uma inquietação da vontade, segundo Gilson (2012) “o desejo é um aquiescer à tendência da vontade para um objeto qualquer”, ou seja, o que estimula o desejo é justamente o não usufruir, enquanto o objeto não estiver na posse o desejo não deixa de desejar para a realização completa, assim o amor é vontade, esta é a senhoril do homem é a própria característica dele, é ela que move o ser entre o querer e o poder de alcance do bem ou mal.

Nessa estrutura do amor que tem por papel a vontade ordenadora de qualquer decisão do homem para com o objeto desejado, revela a direção tomada para um fim, não importa qual seja boa ou ruim a vontade é o guia livre para escolher o seu ato, determinando o mais agradável para sua concretização, determina aquilo o que quer a sua imaginação, ela é a dominadora do ser, portanto, ela é que produz, desperta prazer, seja para odiar, desprezar ou assentir. A intenção dela é simplesmente satisfazer o que ela determina, muitas vezes são atos desregrados, desordenados ultrapassando os limites da ordem divina.

De início, é evidente que se o amor é o motor íntimo da vontade, e se a vontade caracteriza o homem, pode-se dizer que o homem é essencialmente movido por seu amor. Não há nele qualquer coisa acidental ou sobreposta, mas sim uma força interior à sua essência, como o peso na pedra que cai. Por outro lado, já que, por definição, o amor é uma tendência natural para um certo bem, ele se agitará para alcançar seu fim durante o tempo em que não o tiver obtido (GILSON, 2010, p. 257).

Assim, como Agostinho narra em sua obra as confissões que vivera em uma crise de angústia, inquietação, pois não encontrava sentido em sua existência, e por isso não se conformou até que encontrasse respostas para sua alma inquieta. Notando-se que sua vontade é o que movia a buscar em sua memória aquilo que ele queria recordar, pois

a vontade domina tudo aquilo que as lembranças, ou seja, o fato de não se lembrar de uma conversa não foi por falta de atenção, mas sim porque a vontade naquele momento estava direcionada a outro assunto. De certa forma, Santo Agostinho afirma que Deus estava guardado em sua memória, mas a via que a sua vontade procurava estava focada em outra coisa de fora, porque Deus estava dentro e ele fora, isto é, procurava nas coisas corpóreas, na temporalidade e Ele encontra-se fora do tempo.

Vós, porém, permaneceis imutáveis sobre todas as coisas, e apesar disso, dignastes-vos habitar na minha memória, desde que vos conheci. Por que procuro eu o lugar onde habitais, como se na memória houvesse compartimento? É fora de dúvida que residis dentro dela porque me lembro de Vós, desde que vos conheci e encontro-Vos lá dentro, sempre que de Vós me lembro (SANTO AGOSTINHO, 1980, p. 231).

O fato é que, esse encontro extinguiu a inquietação de seu coração, pois descobriu para onde o peso do seu amor apontava, ou seja, levou para o amor a Deus o encontro com o bem supremo, estando esse amor a disposição de espírito, pois era para esse lugar que o seu espírito clamava e direcionava o seu desejo através de uma auto reflexão interior que baseia toda sua vida intelectual e pessoal.

O homem tende àquilo que tem por natureza que foi posto por Deus e direcionado a vontade Dele, tudo que o homem deseja está ligado ao desejo do bem maior, porém, a vontade é dividida entre uma vontade boa e outra má, cujas, vontades Agostinho experimentou quando desejava gozar das coisas temporais buscando a felicidade, mas ao mesmo tempo vivia na angústia e drama de sua crise.

2.2. A ausência de amor aos bens superiores origina medo da morte como perda e mal nos bens mundanos

Em relação a este bem, qual será a definição? Será como algo relacionado em tristeza e alegria, como aquilo em que cada ser determina como bom e ruim? O que é este bem, é aquilo que não se possui, e quando é possuído é desprezado? A partir disso, surge outra questão, quando o homem alcança tal objeto vem juntamente o medo da perda desse objeto, pois o que ele anseia são os objetos temporais desligados de toda superioridade imortal. Este medo nasce, pois o que se ama são as coisas do mundo, a coisa criada mortal. É por isso que o objeto possuído se transforma em medo da perda,

quanto maior o amor pelo objeto maior se torna o medo da perda, esse medo domina o ser a ponto de não aceitar a morte como o fim total.

Este amor transformar-se em medo (*metus*): A pessoa não tem dúvidas de que o medo tem apenas por objeto a perda do que amamos, se o obtivemos, ou a sua não obtenção, se o esperamos obter. Do querer possuir e do querer manter o desejo nasce o medo da perda. No instante em que é possuído, o desejo transforma-se em medo. Assim como o desejo deseja o bem, o medo receia o mal. O mal que, que afasta o medo, ameaça a vida feliz que consiste em possuir o bem. Enquanto o homem deseja as coisas temporais, expõem-se continuamente a esta ameaça e ao desejo de possuir corresponde incessantemente o medo de perder (ARENDDT, 1997, p. 18).

O homem é amedrontado por um devir que assusta o seu presente, durante a estadia do homem na terra ele receia esse mal, como fim de toda a realização dos desejos, pois o desejo é querer e manter o objeto, e isso o homem não pode controlar sendo ele também um ser mortal, as mudanças atormentam a vida e deixam claramente aberto uma porta de novas vidas, esperanças de se fixar naquilo que não pertence a sua natureza.

Não existe, portanto, o retorno de poder entre homem e Deus pois, não existe poder na humanidade o ser humano não é capaz de ordenar justiça no mundo, o poder compete justamente a superioridade do bem supremo, e a falta deste poder humano acarreta na sua inferioridade de bem, portanto, se perde o desejo na imortalidade. Este mal, que o medo teme é visto como a morte ameaçadora da vida terrestre.

A morte é interpretada em dois sentidos, este mal extremo e o indicador daquilo que a vida não pode dispor de si mesma e amando as coisas temporais estará propício a sofrer a perda. A consciência deste poder que falta, através do qual a vida é entendida à primeira vista como mortal, contradiz a definição de amor como desejo enquanto aspiração visa, pelo seu próprio sentido, qualquer coisa de acessível, mesmo que a não consiga alcançar. Se a morte é vista apenas como mal extremo, a unidade da argumentação é preservada (ARENDDT, 1997, p.20).

No entanto, o homem não tem o poder de controlar sua própria vida, qual homem na terra tem esse poder? A humanidade crer em uma liberdade ilusória, ou seja, o homem deseja, faz e fala o que pensa, porém, sua existência é regida não por sua liberdade, mas sim por uma ordem divina que designa como verdadeira liberdade, ou seja, o homem possui autonomia quando reconhece essa ordem da dependência de Deus. Hannah aponta esse problema como contradição à definição de amor como desejo, pois a falta desse poder implica na posse da vida feliz, o amor tenebroso para existir na reta ordem; acontece que, o homem não pode desejar ser imortal, porque ele

próprio é uma coisa criada na temporalidade e transitoriedade, depositada no mundo para um único fim, a morte.

Portanto, sua existência se iguala aos seus desejos temporais e transitórios, e o paradoxo desta definição é ambição de qualquer coisa de acessível ao homem, porém ele não pode viver eternamente no mundo, esse desejo é extinguido pela morte.

Ao contrário, num amor perfeito pelo fim supremo, nenhuma discórdia, nenhuma desigualdade seriam possíveis entre as virtudes. A temperança é um amor que se reserva inteiramente para Deus; a força suporta tudo com facilidades por amor a Deus; a justiça serve apenas a Deus e domina a partir disso, com retidão, tudo que está submetido ao homem, a prudência é um amor que sabe discernir o que a liga Deus e o que separa dele (GILSON, 2010, p. 260 – 261).

É possível notar, que o desejo está ligado a não perda do objeto amado, justamente o bem superior este não é perdido, pois sua raiz é na eternidade, o único capaz de trazer a felicidade do homem, pois esta garante a verdadeira posse do bem e na aniquilação da má vontade de querer possuir os bens inferiores.

O que permanece nesse desejo de posse é justamente o bem supremo, ou seja, o amor a Deus, Quem deseja Deus nunca perde a posse do mesmo, pois sendo ele imortal e verdade, que é a eternidade, pois, nesta não existe morte, medo e é livre para o amor, e o que o amor almeja é o bem e a felicidade. Mas, segundo Agostinho, a vida feliz consiste em viver de modo diferente, no entanto, todos desejam essa beatitude.

Onde e quando experimentei a vida feliz, para a poder recordar, amar e desejar? Não sou eu o único, nem são poucos os que a desejam. Todos, absolutamente todos, querem ser felizes. Se não conhecêssemos a vida feliz por uma noção certa, não a desejaríamos com tão firme vontade. Que significa isto? Se perguntarmos a dois homens se querem alistar-se no exército, é possível que um responda que sim, outro que não. Porém, se lhes perguntarmos se querem ser felizes, ambos dizem logo, sem hesitação, que sim, que o desejam, porque tanto o que quer ser militar como o que não quer têm um só fim em vista: o serem felizes. Opta um por um emprego, e outro por outro. Mas ambos são unânimes em quererem ser felizes, como o seriam também se lhes perguntassem se queriam ter alegria. De fato, já chamam felicidade à alegria. Ainda que um siga por um caminho e outro por outro, esforçam-se por chegar a um só fim, que é alegrarem-se. Como ninguém pode dizer que não experimentou a alegria, encontramos-la na memória e reconhecemo-la sempre que dela ouvimos falar (SANTO AGOSTINHO, 1980, p. 229).

O que ocorre é o que cada um entende por felicidade e pelos bens que o levam à felicidade, que, portanto, deseja, é algo diferente, portanto, o que amor visa é a partir desses dois paradoxos, o bem como aspiração de uma vida livre de medo e mal como

retirada do medo da perda, que é o próprio aniquilamento da vida, portanto, o bem é o próprio Deus. Todos os bens terrestres são ilusões do homem que adotam como vida plena determinado para concretização do bem, não passam de coisas enganosas, pois a mortalidade os aniquila, e só é possível perceber quando os bens do mundo são desvalorizados.

É a partir do conceito de bem assim definido, a partir da eternidade, que o mundo e a temporalidade são desvalorizados e relativizados. Todos os bens deste mundo são cambiantes, mutáveis; uma vez que não tem permanência, não são apropriados para serem ditos. Não podemos confiar nisto. E mesmo se tivessem uma permanência, é a própria vida humana que não a tem. Em cada dia que passa, perdemos a própria vida; vivos, caminhamos em direção ao nada (ARENDDT, 1997, p. 22 – 23).

A desvalorização do mundo acontece com as perdas dos desejos é difícil deixar as coisas ou pessoas que amamos para traz, pois, a própria vida não tem durabilidade na terra e a não compreensão delas partirem se torna a inquietude da vida, acontecendo o encontro da resposta do porque elas morrem, e o homem percebe que não deve confiar nesses bens, confiar, não que deixem de amar, pois “é verdade que, enquanto obra de Deus, todos os bens mundanos são bons”²⁴.

Partindo para outra concepção de amor, tendo como ponto de partida o conceito de mundo, equivale a dizer que todos que amam o mundo são denominados mundanos, só é possível interpretar essa forma de amar quando se tem princípio de amor humano, pois é a partir dessa interpretação que os bens do mundo se tornam mutáveis, céu e terra compõem o mundo justificando as obras de Deus, o amor do homem e a sua mutabilidade dentro dessa perspectiva chamada mundo, é por amor do homem pelo mundo que se justifica essa coisa mutável.

A identificação específica entre terrestre e mortal só é possível quando o mundo é considerado a partir do homem, aquele que vai morrer. A este falso amor que se prende ao mundo e que, por esse motivo, o constitui, e que, como tal, é mundano, santo Agostinho chama cobiça, e ao amor justo que aspira à eternidade e ao futuro absoluto, caridade (ARENDDT, 1997, p. 21).

Entre esse amor ao mundo existem duas formas de amar, o amor falso e outro verdadeiro equivalem a dizer que é o amor injusto e o amor justo, que Santo Agostinho denomina como a cobiça e a caridade onde o homem se utiliza e outro usufrui dos bens.

²⁴ Hannah Arendt refere-se ao fato de que todas as coisas terrestres são criadas por Deus e, portanto, são boas por natureza e que ao serem usadas pelo homem, tornam-se um mal, pois a livre vontade se encarrega de desvirtuar os bens.

Conforme afirma Arendt (1997, 24) “A este falso amor que se prende ao mundo e que, por esse motivo, o constitui, e que, como tal, é mundano, santo Agostinho chama cobiça (*cupiditas*), e ao amor justo que aspira à eternidade e ao futuro absoluto, caridade (*caritas*)”.

Dessa forma, o amor se restringe a essência do homem o que induz a uma aceitação ou rejeição da vontade de desejar o que é digno e indigno de ser amado que se segue que o amor é a centralidade da vida moral para o convívio em comunidade, pois está ligado a escolha entre o bem e o mal, seguir o caminho do mal é a perdição e caso aconteça o homem dependerá da graça de Deus que é o amor de Deus, caso contrário, a escolha do bem encontrará a perfeita vida e permanecerá salvo.

Toda escolha é uma adaptação do homem para enfrentar o medo, alegria, tristeza e o temor, ou seja, o homem aceita como algo bom ou rejeita como algo ruim, de qualquer forma, a insatisfação domina o homem e leva para a vontade pecadora, pois o que possui não é suficiente sempre quer mais e acaba caindo na profunda miséria humana que é a corrupção da natureza. Mas, o amor é a saída dessa miséria, pois a natureza do homem é boa e como essência o peso maior, ou seja, o amor.

Agostinho define o homem como criatura de Deus corrompido naturalmente pelo pecado original, cujos pecados encontrariam remissão na graça divina (p. 129, art. livre arbítrio) por isso, enquanto não encontra seu devido lugar permanece inquieto, sendo obrigado a satisfazer sua vontade, pois quem gostaria de viver na tristeza ou sem amar? Desfrutando de desamor, vivendo com pessoas egoístas, se o mundo completamente agisse assim seriam avarentas ou amadas? Portanto, o problema não é o amor e sim os objetos a serem amados, sendo assim, não se pode tirar essa particularização do homem porque ele próprio é criado desse amor.

2.3. O amor como desejo e caridade: a distinção entre amor as coisas terrestres e amor a serviço de Deus

Na interpretação agostiniana esses dois termos foram estabelecidos a partir do amor como desejo, ligado ao bem e o mal direcionado a moralidade agostiniana, a caridade é a realização do amor a serviço de Deus, como também se estabelece o amor ao próximo. O segundo grau de amor determina a vontade do desejo carnal, destituído de virtudes teológicas que caracterizam a presença da ordem divina, que, portanto, representam o bem, amor e paz que são os verdadeiros componentes da sociedade, mas, infelizmente o homem não é perfeito, o pecado é o seu maior defeito, este que não deve

ser atribuído ao seu criador, pois segundo Agostinho sua natureza é boa; portanto, assim existem dois lados opostos, que devem ser atribuídos à vontade.

A caridade consiste em determinar os objetos retos a serem amados que são Deus, a si próprio e ao próximo, vislumbrando o amor a serviço da lei divina para assegurar a não perda do mesmo. Ela designa boa esperança e fé para manter aspiração pelo bem superior, pois essas contemplam o amor verdadeiro que não pode ser abandonado em virtude da posse dos desejos mundanos, a esperança, caridade e fé agem mutuamente, mas é a caridade que exerce o cargo importante e determinante na convivência em comunidade.

É notório que, quem ama crê, cuida e faz o bem, logo o amor é o primeiro na hierarquia de ações valorosas, essas virtudes são de suma importância para prática da vida cristã são elas que movimentam a harmonia que revela a felicidade da vida pós-morte, por isso, a caridade é a luz da humanidade e primazia na vida para contemplar a verdadeira felicidade, pois quem ama deseja, espera e confia.

Graças à fé é que podemos amar a Deus no qual acreditamos. É por meio dela que veem operadas nossas boas obras (EF 2, 8-9). Fé que age através da caridade e que não pode existir sem a esperança, as três virtudes estão intimamente unidas, mas é a caridade, segundo o apóstolo Paulo, a exercer a primazia (1Cor 13). Quem não ama crê inutilmente, ainda se o quer crê for verdadeiro. E inutilmente espera, ainda se as coisas que espera dizem respeito à verdadeira felicidade. Mas quem ama retamente, crê e espera retamente. A caridade é a realização da vida crista, todos os mandamentos divinos a ela fazem referência (DETONI, 2010, p. 112).

Visto que o amor é a centralidade da vida cristã e o fator determinante, é aceitável dizer então que ele é a força e direção aos sentidos de bom ou ruim, ou seja, tem-se a vontade correta e incorreta de agir, portanto, a combinação entre amar e desejar é determinado pelos objetos que se deve amar e não pela impulsão do desejo. Mas, vale ressaltar que a caridade é a união entre Deus e o homem, é a compaixão de Cristo pela vida humana, ela é a tendência do homem é a saída de si para encontrar quem se ama, por isso é de suma importância amar a Deus, pois a caridade é dom de Deus, este é e deve ser a vontade livre de escolha cristã.

A caridade como dita acima, engradece a fé esta que é a chave da salvação, isto é, não basta crer para ser cristão tem que haver a prática do bem, ora, o que é a caridade a não ser fazer bem, afinal, Deus toma o coração e com sua ajuda o homem supera as obras más, a ponto de redimi-lo. O amor de Deus é segurança da vida feliz pós-morte

nutrido da realização do bem e a aniquilação do mal através das boas ações e da boa-fé em Cristo, pois é o exemplo da caridade ele próprio é a caridade.

Se amarmos Deus devemos amar o próximo como a nós mesmos, esta é a fórmula da caridade, mas enquanto aos incrédulos, fazem ou não boas obras? Se fazem o bem ao próximo deve ser considerado caridade ou autoridade? Se a caridade é amor de Deus, é o próprio Deus, logo, a prática do bem é tudo que se encontra na interioridade humana então, a caridade é o coração de Cristo e do homem, pode-se dizer que, a caridade é caridade se possuir Deus no coração, pois quem tem Deus ama e quem ama pratica caridade e quem pratica caridade é feliz. A felicidade é amar, fazer o bem, desejar coisas retas, obedecer a ordem divina, amar o próximo, reconhecimento da humildade renunciando a si própria para alcançar a graça divina.

Amar-se mutuamente é o mandamento da lei, é o próprio espírito desta lei que visa cada lei isoladamente. A lei regula e determina o comportamento da criatura no mundo, na medida em que vê nele o deserto e vive na relação com a sua própria origem. E como este mundo já é sempre constituído pelo homem, a lei determina o comportamento entre eles. O amor é o espírito de todos os mandamentos particulares; por aquilo que significa, cumpre todo o mandamento possível. Ele é mandado porque é o próprio espírito da lei (ARENDETT, 1997, p. 113).

O amor deve ser o espírito da união entre os homens para poder concretizar a lei que foi colocada para servir a obediência e reconhecimento de igualdade, nos atos diante de um ser que não se pode igualar a ninguém, por isso esta lei é a realização de todo e qualquer caráter direcionado ao amor supremo. Mas, voltando agora para a caridade, é de suma importância perceber o que cada um visa, que, portanto, são modos de vida diferentes, a cobiça visa os bens temporais, a caridade os bens ligados a vida eterna e o amor ordenado o próximo, este é visto como intermédio entre o homem e Deus colocado em grau de ordenador no mundo, o que distorce totalmente a visão de um indivíduo cristão e o mundano, justificando as variadas metas de cada homem em atingir aquilo que definirá como bem. Todavia, sabe-se que o justo amor é a caridade e que esta tem por finalidade, a reta escolha dentro da moralidade e que não se pode colocar em questão a escolha quem se deve amar, como afirma Gilson (2012, p. 189.)

O problema central da moralidade é, portanto, o da reta escolha das coisas a serem amadas. Não que haja a menor dúvida quanto ao objeto último do nosso querer: este não pode ser outro que o próprio Deus, segundo vimos na metafísica. Trata-se apenas de determinar e de querer o que é realmente apto

a conduzir-nos a Ele. Ora, o que pode levar-nos a Deus é a “caritas”, ou seja, o amor a Deus (GILSON, 2012, p. 189).

Em razão dessa escolha que homem distingue entre a caridade e a cobiça, pois o que ele escolhe pode se transformar em caridade ou cobiça isto quer dizer, dependendo dos objetos e os meios que se utilizam para fruir e usar do objeto é que se define o bom e o mau uso.

O que move, portanto, a caridade é a vontade de querer fazer o bem, o desejo de praticar as coisas em virtudes da fé e esperança de um futuro esperado na vida após morte, esse amor é visto como o desejo de querer alcançar o supremo bem, que é visto como a eternidade e o amor a Deus, ou seja, um caminho para um fim último do homem. Mas para isso é preciso renunciar a si próprio para manter esse desejo, pois a caridade é mediação entre o homem e Deus, logo, o homem só poderá alcançar essa vida ultrapassando o amor pelo mundo para o amor a Deus.

A caridade é o amor pelo qual se ama o que deve amar. Como ela é o amor, a caridade deve poder ser assemelhada a um dos pesos que arrastam à vontade em direção a seu objeto. Em certo sentido, ela é análoga aos pesos que conduzem os corpos naturais para seu lugar de repouso; estamos muito bem fundamentados para dizê-los, pois, em última análise, na verdade, é o amor divino que move os corpos físicos bem como as vontades humanas (GILSON, 2012, p. 189).

Portanto, a caridade é o amor que pesa em direção a Deus ela é o próprio amor de Deus, que termina a vontade humana para a vontade divina, é o amor puro na entrada da vida eterna, pois esse amor é visto sem segunda intenção, ele é amado por ser ele mesmo assegurando o bem supremo, sendo este o desejo justo do homem; na caridade se ama corretamente, escolhe retamente, ou seja, a vivencia na caridade leva a pureza da vida, que é o amor a Deus. Já a cobiça leva o distanciamento da criatura do criador, perdendo a verdadeira felicidade, pois é somente perto e amando-o que se pode fruir e usar ao mesmo tempo do próprio criador, e a cobiça é movida pelas vaidades, poder e o orgulho da autonomia que ela não possui, visa a corruptibilidade do homem, levando o esquecimento do justo amor

2.4. A busca pelo amor verdadeiro por intermédio dos preceitos morais cristãos.

O problema da busca em Deus se dá pelo motivo exposto acima, Agostinho vivenciava um coração perturbado e inquieto com as coisas invisíveis, e que durante sua

juventude e o resto de sua vida se dedicou em buscar apenas a verdade através da razão, tanto que levou o bispo a entrar na ²⁵seita maniqueísta a ponto de desprezar os ensinamentos maternos. Mas, no decorrer do tempo a fé concretizou a vida de Agostinho como verdadeiro cristão trazido do mundo das trevas para iluminação, pode-se dizer, a purificação de uma vida desordenada pela cobiça, essa graça dada por Deus permite a busca pelas coisas eternas que trazem sentido à vida mortal e percebe-se que a razão sozinha não é capaz de alcançar a verdade. No entanto, a revelação através da fé mostrou o verdadeiro caminho a seguir e o verdadeiro amor a espalhar no mundo, é inegável que para saber basta crer, e crendo é possível alcançar a verdade.

O primeiro passo na via que conduz o pensamento em direção a Deus é a aceitação da revelação pela fé. Procedimento surpreendente para a verdade, e que pode legitimamente parecer contraditório, dado que consiste em aceitar primeiro sem provas o que se trata precisamente de provar. Na realidade, ele se explica pela preocupação, constante para santo Agostinho, de decodificar os resultados de sua experiência pessoal. Durante longos anos ele buscou a verdade pela; na época de suas convicções maniqueístas, acreditou tê-la encontrada por esse método, então, após um doloroso período de ceticismo, atormentado pelo desespero de encontrar a verdade, constatou que a fé tinha permanentemente à disposição a mesma verdade que sua razão não pudera atingir. Portanto, em teoria, parece lógico partir da razão para chegar a fé, mas, na prática, não seria melhor o método contrário? Não seria melhor crer para saber do que saber para crer, ou mesmo para saber? É ao menos isso que sua experiência persuade Agostinho e de que ele, por sua vez, quer nos persuadir (GILSON, 2010, p.61).

Nessa interpretação é possível compreender a escolha que Agostinho adotou para seguir, pois a fé é também uma forma de conhecimento capaz de iluminar a sabedoria aprofundando o saber, isso consiste na doutrina da iluminação que adotara do neoplatonismo, onde o homem com ajuda de Deus tem capacidade de conhecer as coisas imutáveis²⁶. É por isso que, adotando a fé o homem é capaz de conhecer as coisas divinas, invisíveis, pela graça que é bondade de Deus, mas, por que o filósofo adotou esse amor a Deus, levando em consideração o amor verdadeiro? Seria para acabar com a crise existencial e resumir sua vida em uma única resposta? Ou seria Deus salvando

²⁵ Doutrina anticristã que afirma a existência de um conflito cósmico entre o reino da luz que é o bem, e o reino das sombras, o mal.

²⁶ A doutrina da iluminação possibilita o conhecimento dos mistérios divinos, as coisas imutáveis que somente Deus conhece, e numa relação de interiorização entre Deus e o homem são possíveis o ser humano conhecer, segundo Agostinho, a verdade por intermédio da bondade divina, ou seja, esse contato interior possibilita a razão conhecer a presença de Deus e as coisas eternas. Por meio dessa teoria o homem em contato com Deus é conhecedor de tais verdades, pois somente Deus é imutável e eterno, por isso é necessário o homem receber a iluminação divina para adentrar e adquirir os conhecimentos imutáveis.

uma vida do pecado? É inegável que esse amor surgiu após sua conversão, mas o motivo da escolha pelo amor a Deus é simples, porque Nele há vida eterna, e principalmente a felicidade.

Vós, que sois o Médico do meu interior, esclarecei-me sobre o fruto com que faço esta confissão. Na verdade, as confissões dos meus males passados- que perdoastes e esqueceste para me tornardes feliz em Vós, transformando-me a alma com a fé e com o vosso sacramento- quando se leem ou ouvem, despertam o coração para que não durma no desespero nem diga: "não posso". Despertam-na para que vigie no amor da vossa misericórdia e na doçura da vossa graça, com a qual se torna poderoso o fraco que, por ela, toma consciência da sua fraqueza. Consolam-se, além disso, os bons ao ouvirem os males passados daqueles que já não sofrem. Deleitam-se não por serem males, mas porque o foram e agora não o são (SANTO AGOSTINHO, 1980, p. 209).

É notório que esse amor é o ponto de chegada de todo ser humano, pois segundo Agostinho somente o homem pode se interrogar o que se deve amar e quem deve amar e deixar de amar, foi dada ao homem a capacidade de pensar e procurar as coisas boas ou ruins. Mas no mundo ninguém se preocupa com esse amor a Deus todos querem viver para si e para aqueles que beneficiam seu mundo capitalista, o egoísmo assume o papel de segurança dos amores tenebrosos, e o início deste jogo quem ordena é a autonomia, posta no mundo transforma a vivencia pura em corrupção. E após o declínio, o ser humano percebe sua fragilidade e nesse momento procura o amor verdadeiro, no qual se sinta firme e salvo do pecado, e lógico, que Deus sendo um ser bondoso e nunca abandona sua criatura, recebe com todo amor aquele que um dia fantasiou sua imortalidade no mundo.

Que amo eu, quando vos amo? Não amo a formosura corporal, nem a glória temporal, nem a claridade da luz, tão amiga destes meus olhos, nem as doces melodias das canções de todo o gênero, nem o suave cheiro das flores, dos perfumes ou dos aromas, nem o maná ou o mel, nem os membros tão flexíveis aos abraços da carne. Nada disto amo, quando amo o meu Deus. E, contudo, amo uma luz, uma voz, um perfume, um alimento e um abraço, quando amo o meu Deus, luz, voz, perfume e abraço do homem interior, onde brilha para a minha alma uma luz que nenhum espaço contém, onde ressoa uma voz que o tempo não arrebatava, onde se exala um perfume que o vento não esparge, onde se saboreia uma comida que a sofreguidão não diminui, onde se sente um contato que a saciedade não desfaz. Eis o que amo, quando amo o meu Deus (SANTO AGOSTINHO, 1980, p.213).

²⁷A principal fonte que baseou Agostinho e baseia a vida de todo ser humano para escolher esse amor puro e infinito que existe, a fé, esta leva a fonte da verdade, felicidade e eternidade, com a fé não existe sofrimento, angústia, desamor, ódio, maldade, tristeza, porque ela é movida de esperança e caridade, por isso que, ao se amar Deus se encontra a felicidade. Para compreender os argumentos de Agostinho nesse encontro do amor verdadeiro, tem-se de acompanhar a virtude da fé, esperança e caridade, pois esse encontro das virtudes resume a vida de um homem arrependido dos pecados e males que acarretaram durante sua juventude perturbada pela busca da verdade, mais uma justificativa do amor verdadeiro, pois Deus é a verdade.

A leitura do Hortênsio de Cícero o despertara da tranquila despreocupação de sua juventude. Começou a aspirar pela única sabedoria capaz de lhe trazer a felicidade. Do Hortênsio passou a Manés, a Plotino, e por fim, de Plotino a Paulo e a Cristo. Esta busca traduz uma inquietação latente, que chegou ao seu termo na descoberta da verdade. A inquietação deu lugar a paz, a agitação à tranquilidade e a felicidade inerente a posse da verdade (GILSON, 2012, p. 167).

Agostinho designou Deus como o amor verdadeiro descrito nessa citação, pois a partir da alegria desse encontro ele recebe a posse da verdade, e não aceitou como resumo de sua vida, ao contrário, continuou em busca desse amor que tanto o alegrara, praticando caridade, peregrinou em direção à vontade que lhe foi posta pela divindade, exercendo cargos pastorais para levar ao próximo esse amor que recebera no intuito de fazer perceber a fragilidade humana e a dependência em Cristo. Dessa forma, compreende-se a escolha moral cristã que fez o então filósofo, porque Deus é amor, fé, vida, felicidade e verdade, no qual a humanidade muitas vezes se recusa acreditar ou não aceita essa verdade, pois o homem é assim, tanto quanto miserável em colocar o domínio em si próprio, e a grandeza, enquanto não passa de uma formiga em busca de seus alimentos para sobreviver até o dia em que a enfermidade trará a sua miséria.

OS ENTRAVES APONTADOS POR SANTO AGOSTINHO PARA SOLUCIONAR O PROBLEMA DO MAL.

Neste bloco vimos que o problema do mal é amplo e envolve as vontades e desejos mundanos, que são vistos por visões éticas e morais do usar e usufruir dos objetos criados pelo Bem supremo para suprir as necessidades humanas. O problema do

²⁷A escolha pelo amor verdadeiro Agostinho desejou após sua conversão e só foi possível por intermédio ou por existir dentro de si a fé, esta que segundo ele é a fonte da vida e o movimento das ações caridosas.

mal que abrange na escolha feita para caminhar ou cumprir as leis eternas para seguir no caminho do bem, visto que é homem deve desapegar das coisas materiais para alcançar a vida eterna. Possuído do seu livre arbítrio o homem deve distinguir o que é certo e errado.

3.1 A vontade e o seu mau uso implicam na prática do mal.

A vontade má ou a desordem é a transgressão da reta ordem, da lei divina, é a interferência nos atos espirituais, nela reside a causa do pecado ela é a própria aproximação do mal, como é a causa do homem se apartar de Deus. A vontade enquanto criadora dos atos impuros da natureza humana pode ser assim definida pois, expressa a personalidade humana de querer ou não querer seguir a reta escolha do bem, isto quer dizer, a vontade reside na necessidade da posse do objeto amado este que não deve ser outro senão o bem supremo superando o hábito do pecado capital como a luxúria, avareza e todos os outros que ferem a alma e a corrompe.

Agostinho descreve bem sua luta contra as vontades carnis que levaram as profundezas de lágrimas, pois nelas não encontrava a paz, ao contrário, encontrava um desespero do hábito dos vícios da carne contra o espírito, que mesmo não querendo consentia a necessidade de alimentar seu corpo, portanto, a vontade possui liberdade de expressão de desejos seja bom ou ruim.

O inimigo dominava o meu querer, e dele me forjava uma cadeia com que me apertava. Ora, a luxúria provem da vontade perversa; enquanto se serve à luxúria, contrai-se o hábito; e, se não se resiste a um hábito, origina-se uma necessidade. Era assim que, por uma espécie de anéis entrelaçados, por isso lhe chamei cadeia, me segurava apertado em dura escravidão. A vontade nova, que começava a existir em mim, a vontade de Vos honrar gratuitamente e de querer gozar de Vós, ó meu Deus, único contentamento seguro, ainda se não achava apta para superar a outra vontade, fortificada pela concupiscência. Assim, duas vontades, uma concupiscente, outra dominada, um carnal e outra espiritual, batalhavam mutuamente em mim. Discordando, dilaceravam-me a alma. Por isso, compreendia, por experiência própria, o que tinha lido. Entendia agora como “a carne tem desejos contra o espírito, e o espírito tem-nos contra a carne”. Eu na verdade, vivia em ambos: na carne e no espírito. Vivia, porém, mais naquele que aprovava em mim (no desejo do espírito contra a carne). Com efeito, neste já não era eu quem vivia, visto que, em grande parte, o sofria mais contra a vontade, do que o praticava de livre arbítrio. Mas, enfim, o hábito que combatia tanto contra mim, provinha de mim, porque, com atos da vontade, eu chegava onde não queria (SANTO AGOSTINHO, 1980, p. 170).

Como uma fonte negativa da vontade o mal contempla a perversidade para atrair a corrupção e ausentar o bem, Agostinho define como uma batalha uma guerra das

vontades que lutam entre o bem e o mal, ele entrou nessa luta carnal e espiritual ambas dilaceravam sua alma e o levavam a praticar coisas que não queria, essa batalha mortal que ora lhe mostrava a certeza e outra a incerteza.

O problema do mal segundo o bispo de Hipona é relacionado ao livre arbítrio dado ao homem para exercitar o bem praticando o que é de sua natureza, porém o uso dessa livre vontade, contraditoriamente, a ordem divina para ter a qualquer custo o objeto que satisfaça sua vontade corporal, esquecendo a origem dela. A cobiça deseja além do necessário para o homem transformando em vontades desregradadas, tornando ações más e pecaminosas devendo-se eliminar, pois se o homem possui livre vontade já que Deus concedeu esse dom para dele proceder sempre ao bem.

De fato, a cobiça (ou amor ao dinheiro) é denominada em grego "filarguria", isto é, amor da prata, termo esse que não é dito somente a respeito desse metal, mas da moeda da qual foi tirado o seu nome, porque as moedas, entre os antigos, eram feitas, o mais frequentemente, de prata pura ou de alguma mistura, à base da prata. O termo deve ser entendido de todas as coisas desejadas com imoderação. Enfim, encontra-se a cobiça em tudo o que alguém quer além do que lhe é suficiente. Tal cobiça é cupidez, e a cupidez é uma vontade desregrada (Ímproba) (SANTO AGOSTINHO, 1995, p. 206).

Portanto, a vontade desordenada é dominada pela cobiça que ocasiona o desvio da retidão divina, sendo ela o amor aos bens temporais e inferiores que desvirtuam a natureza do bem e a causa dos males. A advertência para esse mal é receber os devidos castigos divinos que corroboram para efetividade da boa vontade e aniquilação da má vontade, pois segundo Agostino em diálogo com Evodio, quando pergunta o que vem a ser a boa vontade, em resposta Agostino define a boa vontade como qual os homens devem viver na retidão e honestidade, para atingirmos o cume da sabedoria, é ela que aproxima de Deus para viver em conformidade com sua vontade.

A autenticidade da vontade é o reconhecimento da dependência de Deus, o homem pode-se afastar ou se conectar com Deus, onde Agostinho esclarece que é preferível estar junto ao bem supremo.

3.2. A natureza de fruir e usar dos objetos

O que é fruir e usar de um objeto? Segundo Gilson (2021, p.193) “Fruir, com efeito, é ligar-se a uma coisa pelo amor a ela mesma. Usar, ao contrário, é reconduzir o objeto de que fazemos uso para o objeto que se ama”, contudo, tem critérios para ser amado. É preciso fruir dos objetos amados, pois quem é feliz se não fruir do desejo? Só

há posse se houver fruição, este é o verdadeiro sentido de felicidade o desfrutar dos frutos bons, e isso ocorre em um único ser todo poderoso denominado Deus, só a ele fruimos por ele ser quem é, esta é a ordem da caridade a fruição, quando usamos de algo em excessos deriva-se uma falta de caráter, se utilizar de alguma coisa ilícita é o mesmo que abusar do objeto, isto é, um meio errado de alcançar o desejo, por isso, esses termos distinguem os atos morais e imorais.

Esta distinção dos atos reduzir-se, em última análise, a uma distinção entre os próprios objetos. De que podemos fruir? Em derradeira instância, só de Deus, isto é, da divina trindade: Pai, do filho e do Espírito santo. Pois Deus é o sumo bem, acima do qual não se pode conceber outro maior. Donde a fórmula clássica, que Agostinho não se cansa de repetir: Não se deve fruir senão de Deus (GILSON, 2012, p. 234).

Sendo assim, somente Deus merece o amor infinito da parte do homem, somente ele que se deve amar mais profundamente, não que deixe de amar a si e ao próximo, mas que ame com o valor de merecimento a cada um, justamente. A caridade é o amor digno e proveniente do bem, e nessa hierarquia do valor do amor não existe igualdade, pois o homem é obrigado amar a Deus acima de qualquer coisa e amar significa cair no esquecimento do seu ser, não é um aniquilamento do homem, mas é principalmente o reconhecimento da sua origem e a partir daqui o encontro verdadeiro de quem é e, sobretudo o reconhecimento de sua dependência.

Portanto, a fruição é pertencimento a divindade e o usar envolve o amor do mundo, se usar os objetos mundanos para um objetivo para alcançar o bem supremo, eles ficam à disposição do homem que perpetra a caridade no amor ao seu próximo e ao seu próprio bem em busca da autossuficiência de Deus e da eternidade.

A caridade, portanto, distingue da cobiça pela estrutura do desejo, isto quer dizer, no contexto da moralidade se o objeto for algo bom ou mal, se diferencia na questão de existência infinita e finita. O resultado dessa distinção é visto como o amor falso e amor justo que caracterizam as duas vontades humana de possuir os bens temporais e os bens divinos, o primeiro, Agostinho provou durante sua juventude, antes de sua conversão fase que ele chama de aventuras, por onde peregrinou no amor pecaminoso, desfrutando do prazer corporal, do prazer temporário do objeto.

É possível notar que a cobiça (*cupiditas*) ocorre o desvirtuamento da vontade, pois ela é dotada de vícios, paixões, amores tenebrosos que transformam os desejos em meros esforços para desfrutar enquanto proporcionam o prazer no objeto, enquanto

durar esse prazer é o que será denominado felicidade, mas esta é falsa porque após o término do desfrute do objeto se torna descartável para a vida, levando por caminhos pecaminosos para atingir o prazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho abordamos a vida pessoal e intelectual de Santo Agostino que durante sua trajetória desenvolveu-se através de suas experiências de conflito e de angustias, as quais se tornaram suas teorias de estudos, e neste período modificou seus preceitos por meio de sua conversão, encontrando a resposta que trazia sentido para sua vida, e nisso concluímos que a verdade salvadora é Deus.

Nessa perspectiva, para Agostinho Deus é o bem supremo, é perdão, caridade verdade e esperança da vida pós-morte, no qual devemos colocar nossa vida a disposição de seus mandamentos, a vontade para seus ensinamentos e a caridade para o próximo por ordem suprema, e a verdade para libertar das coisas mundanas.

Ao fim deste trabalho percebemos a importância para o conhecimento espiritual que causou reflexões a respeito das ações maliciosas que atormentam o cotidiano e nos afastam da grande beleza divina, a compreensão da essencialidade da prática da caridade que é o amor de Deus para vivenciar um mundo melhor, que seja de igualdade, de ajudar quem precisa por amor e não por orgulho do poder de mandar ao próximo, se sentir superior, pois o amor entre os homens é uma questão de igualdade de inferioridade de poder e mortalidade.

Assim, o objetivo principal fora descrito e alcançado, que é de demonstrar a essencialidade da prática do bem e o exercício de amar, com enfoque no autor do oposto que é o mal, cujo autor não é Deus, pois toda natureza que Dele proceder é boa e caridosa. Resultando nas ações humanas a existência da crueldade e imperfeições da natureza.

Portanto, a solução apontada por Santo Agostinho de que o mal começa a partir das ações, isto é, o homem por possui a vontade livre adquire atitudes contrárias à sua natureza que preferem a desordem mundana do que a ordem divina, ou seja, a vontade desregrada acarreta a desordem e provoca a desigualdade social, desta forma, o mal não possui somente um autor, mas vários autores que são movidos pela vontade livre e desejo cobiçosos que atuam para destruir a paz da humanidade. É notório enfatizar que

o objetivo de Agostinho era de demonstrar que a via perfeita é a caridade e o bem supremo para construir uma sociedade de bem, sem miséria, fome e desigualdade, o mundo que só é possível se o dom da vontade estiver disposto a querer seguir a lei eterna e menosprezar os bens temporais que interferem na busca da pureza interior do homem, que é de suma importância para o mundo.

REFERÊNCIAS

ARENDRT, Hannah. **O Conceito de Amor em Santo Agostinho**: ensaio de interpretação filosófica. Tradução de Alberto Pereira Dinis, 1ª edição. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de J. S. Oliveira, A. A. Pina; A. Ricci. 2ª ed. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

_____. **O Livre-Arbítrio**. Tradução, organização, introdução e notas Nair de Assis Oliveira; revisão Honório Dalbosco. Coleção Patrística. São Paulo: Paulus, 1995.

_____. **A Natureza do Bem**. Tradução: Carlos Ancêde Nougé. Apresentação de Sidney Silveira. 2ª edição. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2006.

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Étienne. **História da filosofia cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa**. 13ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **O Livre-Arbítrio, segundo Santo Agostinho: um bem ou um mal**. In: *Ágora filosófica*, ano 7, nº 1, jan.- jun. 2007, p. 89-110

COUTINHO, Jorge. **Didaskalia**: Revista da Faculdade de Teologia de Lisboa, 1989, p. 95- 114.

DETONI, Emerson. **Santo Agostinho: Fé, Esperança e Caridade**. *Mirabilia*: Revista eletrônica de história antiga e medieval, 5, 2010.

Disponível *on line* em: <https://en.m.wikipedia.org/wiki/Cicero>. Acesso: 25/04/2021

GILSON, Étienne. **Introdução ao Estudo de Santo Agostinho**. Tradução de Cristiane Negreiros, 2 ed. São Paulo: Discurso editorial; Paulus, 2010.

GOMES, Rogerio. **O Amor em Santo Agostinho, antes de sua conversão**. Trabalho de Conclusão de Curso de Filosofia. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. São Paulo, 1999. Texto mimeografado. Disponível em <https://academia.edu>
Acesso em: 23/10/2021.

LIMA, H. C. Vaz. **Escritos de Filosofia IV**: Introdução à Ética Filosófica 1, São Paulo: Loyola, 1988.

POSSIDIO. **Vida de Santo Agostinho**. Tradução Monjas Beneditinas. São Paulo: Paulus, 1997.

PEREIRA JÚNIOR, A.; COSTA, M. **Crítica Agostiniana ao Ceticismo Acadêmico**. In: Civitas Agostiniana. Revista Internacional de Estudos Agostinianos. Faculdade de Filosofia e Letras. Porto, 2016. p. 31-49.

VIEIRA, Carlos Alberto Pinheiro. **O amor como fundamento da ordem social em Santo Agostinho**. Paralellus – Revista dos alunos de Mestrado em Ciências da Religião/ Universidade Católica de Pernambuco. Mestrado em Ciências da Religião, ano 1, n. 1. Recife, 2010 (on line).